



***“Um dia, Nossa Senhora de La Salette vai liderar o mundo ”.***  
*Santo Cura D’Ars*

## **A descrição de NOSSA SENHORA por Melanie Calvat, a pastora de La Salette.**

*Publicado pela Pastora da Salette com o Imprimatur do Mons. Bispo de Lecce*

**"Pois bem, meus filhos, vocês transmitirão isto a todo o meu povo."**

“A Santíssima Virgem era muito grande e bem proporcionada; parecia tão leve que um sopro poderia movê-la; entretanto estava imóvel e firme. Sua fisionomia era majestosa, imponente, mas não imponente como os Senhores daqui de baixo. Ela impunha um temor respeitoso. Ao mesmo tempo que Sua Majestade impunha esse respeito mesclado de amor, atraía-nos para si. Seu olhar era doce e penetrante; seus olhos pareciam falar com os meus, mas a conversação vinha de um profundo e vivo sentimento de amor em relação a essa beleza encantadora que me liquefazia. A doçura de seu olhar, seu ar de bondade incompreensível fazia compreender e sentir que ela atraía para si e queria doar-se; era uma expressão de amor que não pode ser exprimida com a língua da carne nem com as letras do alfabeto.

As vestes da Santíssima Virgem eram de um branco prateado e muito brilhante; não havia nelas nada de material: eram compostas de luz e de glória,

cambiantes e cintilantes. Sobre a terra não há expressão nem comparação que se possa usar.



A Santa Virgem era toda bela e toda feita de amor; olhando-a eu tinha vontade de fundir-me com ela. Em seus adornos, como em sua pessoa, tudo respirava a majestade, a esplendor, à magnificência de uma Rainha incomparável. Era bela, branca, imaculada, cristalina, resplandecente, celeste, suave, nova como uma Virgem; parecia que a palavra Amor dançava em seus lábios prateados e puríssimos. Ela me parecia como uma boa Mãe, plena de bondade, de amabilidade, de amor para conosco, de compaixão, de misericórdia.

A coroa de rosas que tinha na cabeça era tão bela, tão brilhante, que não se pode fazer uma idéia; as rosas de diversas cores não eram da terra; era uma reunião de flores que envolviam a cabeça da Santíssima Virgem em forma de coroa; mas as rosas modificavam-se ou mudavam de lugar; depois, do coração de cada rosa saía uma luz tão bela que arrebatava e dava às rosas uma beleza magnífica. Da coroa de rosas elevam-se como que ramos de ouro e uma quantidade de outras pequenas flores misturada com brilhantes. O todo formava um belíssimo diadema, que brilhava muito mais que nosso sol da terra. A Santa Virgem tinha uma formosíssima Cruz pendurada ao pescoço. Essa Cruz parecia ser dourada; digo dourada para não dizer que era uma chapa de ouro; pois já vi algumas vezes objetos dourados com diversas nuances de ouro, o que fazia a meus olhos um efeito muito mais belo do que uma simples chapa de ouro. Sobre essa bela Cruz toda brilhante de luz, havia um Cristo, havia Nosso Senhor, os braços estendidos na Cruz. Quase nas duas extremidades da Cruz, de um lado um martelo, do outro uma torquês. O Cristo era da cor natural da pele, mas brilhava com grande esplendor; e a luz que saía de todo seu corpo assemelhava-se a dardos brilhantes, que me fendiam o coração do desejo de fundir-me com ele. Às vezes o Cristo parecia estar morto: tinha a cabeça pendida, e o corpo estava como prostrado; parecia que, se não estivesse preso pelos cravos que o retinham na Cruz, cairia.

Eu estava tomada por uma grande compaixão, e queria poder bradar ao mundo inteiro seu amor desconhecido, e infiltrar nas almas dos mortais o mais profundo amor e o mais vivo reconhecimento para com um Deus que não tinha nenhuma necessidade de nós para ser o que é, o que era e o que sempre será; e entretanto - oh amor incompreensível para o homem! - Ele se fez homem, e quis morrer, sim, morrer, para melhor escrever em nossas almas e em nossa memória o Louco amor que tem por nós! Oh! Como sou infeliz por ser tão pobre em expressão para falar do amor, sim, do amor de nosso bom Salvador para conosco! Mas, por outro lado, como somos felizes em poder sentir tão bem o que não podemos exprimir!

Outras vezes o Cristo parecia vivo; tinha a cabeça levantada, os olhos abertos, e parecia estar na Cruz por sua própria vontade. Algumas vezes também parecia falar: parecia querer mostrar que estava na Cruz por nós, por seu amor por nós, para nos atrair a seu amor, pois Ele tem um amor sempre novo por nós, pois seu amor do princípio e do ano 33 é sempre o mesmo de hoje e será sempre o mesmo.

A Santa Virgem chorava durante quase todo o tempo em que Ele me falou. Suas lágrimas caíam lentamente, uma a uma, até seus joelhos; depois, como centelhas de luz, desapareciam. Eram brilhantes e cheias de amor. Eu queria poder consolá-la, e que Ela não mais chorasse. Parecia-me, porém, que Ela tinha necessidade de mostrar suas lágrimas para melhor mostrar seu amor esquecido pelos homens. Eu queria poder lançar-me em seus braços e dizer-lhe: "Minha boa Mãe, não choreis! Eu vou amar-vos por todos os homens da terra." Mas me parecia que Ela dizia: "Há tantos que não me conhecem!"

Eu estava entre a morte e a vida, vendo por um lado tanto amor, tanto desejo de ser amada, e de outro lado tanta frieza, tanta indiferença... Oh, minha Mãe, Mãe tão, tão bela e tão amável, meu amor, coração de meu coração!...

As lágrimas de nossa terna Mãe, longe de diminuir seu ar de majestade, de Rainha e de Senhora, pareciam, ao contrário, embelezá-la, torná-la mais amável, mais bela, mais poderosa, mais cheia de amor, mais maternal, mais encantadora; e eu queria poder beber suas lágrimas, que faziam saltar meu coração de compaixão e de amor. Ver chorar uma Mãe, e uma tal Mãe, sem procurar por todos os meios imagináveis consolá-la, a fim de mudar suas dores em alegria, é isto possível? Oh, Mãe mais que boa! Fostes formada com todas as prerrogativas de que Deus é capaz; Vós como que esgotastes a potência de Deus; sois boa, e tão boa quanto a bondade do próprio Deus; Deus aumentou sua glória formando-Vos como sua obra-prima terrestre e celeste.

A Santíssima Virgem tinha um avental amarelo. Que digo eu - amarelo? Ela tinha um avental mais brilhante que vários sóis juntos. Não era de um tecido material, era feito de glória, e essa glória era cintilante e de uma beleza magnífica. Tudo na Santíssima Virgem tocava-me fortemente, e como que

me transportava a adorar e a amar meu Jesus em todos os momentos de sua vida mortal.

A Santíssima Virgem tinha duas correntes, uma um pouco mais larga que a outra. À mais estreita, estava pendurada a Cruz que mencionei acima. Essas correntes (pois é preciso dar-lhes algum nome) eram como raios de glória de um grande brilho cambiante e cintilante.

Os sapatos (pois é preciso dar-lhes algum nome) eram brancos, mas de um branco prateado, brilhante; havia rosas em torno deles. Essas rosas eram de uma beleza deslumbrante, e do coração de cada rosa saía uma chama de luz belíssima e agradabilíssima de ver. Sobre os sapatos, uma fivela de ouro, não de ouro da terra, mas de um ouro do paraíso.

A face da Santíssima Virgem era por si mesma um paraíso completo. Tinha nela tudo o que pode saciar, pois ao contemplá-la a terra era esquecida.

A Santa Virgem estava envolvida por duas luzes. A primeira luz, mais próxima da Santíssima Virgem, chegava até nós; brilhava com um brilho muito belo e cintilante. A segunda luz estendia-se um pouco mais em torno da Bela Senhora e nós encontrávamo-nos dentro dela; era imóvel (quer dizer, não cintilava), mas bem mais brilhante que nosso pobre sol da terra. Todas essas luzes não faziam mal aos olhos e não cansavam em nada a vista.

Além de todas essas luzes, de todo esse esplendor, saíam ainda grupos ou feixes de luzes, ou de raios de luz, do Corpo da Santa Virgem, de suas vestes e de tudo.

A voz da Bela Senhora era doce; encantava, arrebatava, fazia bem ao coração; saciava, removia todos os obstáculos, acalmava, aliviava. Parecia-me que sempre havia querido beber essa bela voz, e meu coração parecia dançar ou querer ir ao seu encontro para liquefazer-se nela.

Os olhos da Santa Virgem, nossa terna Mãe, não podem ser descritos por uma língua humana. Para falar deles, seria preciso ser um serafim; mais, seria preciso usar a linguagem do próprio Deus, desse Deus que formou a Virgem Imaculada, obra-prima de sua onipotência.



Os olhos da Augusta Maria pareciam milhares e milhares de vezes mais belos que os brilhantes, os diamantes e as pedras preciosas mais raras; brilhavam como dois sóis; eram doces como a própria doçura, claros como um espelho.

Em seus olhos via-se o paraíso; eles atraíam para Ela; parecia que Ela queria doar-se e atrair. Quanto mais a olhava, mais a queria ver; quanto mais a via, mais a amava, e amava-a com todas as minhas forças.

Os olhos da Bela Imaculada eram como a porta de Deus, através da qual podia-se ver tudo o que pode embriagar a alma. Quando meus olhos se encontravam com os da Mãe de Deus, experimentava dentro de mim mesma uma feliz revolução de amor e de protestação de amá-la e de derreter de amor.

Olhando-se, nossos olhos conversavam à Sua moda, e eu a amava tanto que tinha vontade de mergulhar dentro de seus olhos que enterneciam minha alma, e pareciam atraí-la e fazê-la fundir-se com a sua. Seus olhos punham um doce estremecimento em todo meu ser; e eu temia fazer o menor movimento que pudesse lhe ser desagradável, por pouco que fosse.

Essa simples visão dos olhos da mais pura das Virgens seria suficiente para ser o Céu de um bem-aventurado; seria suficiente para fazer uma alma entrar na plenitude das vontades do Altíssimo por entre todos os acontecimentos que ocorrem ao longo da vida mortal; seria suficiente para fazer tal alma realizar contínuos atos de louvor, de agradecimento, de reparação e de expiação. Essa simples visão concentra a alma em Deus e a torna como uma morta-viva, que só vê as coisas da terra, mesmo as coisas que parecem as mais sérias, como brincadeiras de criança; ela passaria a só querer ouvir falar das coisas de Deus e do que se refere à sua Glória.

O pecado é o único mal que ela vê sobre a terra. Ela morreria de dor se Deus não a sustentasse. Amém.

Castellamare, 21 de novembro de 1878. MARIA DA CRUZ, Vítima de Jesus, nascida MÉLANIE CALVAT, pastora da Salette. Nihil obstat: imprimatur.

Datum Lycii ex Curia Epii, die 15 Nov. 1879.

CARMELUS Archus COSMA, Vicarius Generalis.

Nota do tradutor: Este texto encontra-se reproduzido no livro de Léon Bloy "Celle que pleure", ed. Mercure de France, Paris, 1949.

Fonte: <http://filhosprediletosdemaria.blogspot.com.br>



### Mélanie Calvat

A vida de Mélanie foi uma contínua jornada de desterro, amargura e solidão. Consta que recebeu os estigmas e morreu na noite de 14 para 15 de dezembro de 1904, com 72 anos de idade. Mélanie faleceu em Altamura, província de Bari, Itália, sozinha num quarto, conforme tinha predito. Naquela noite os vizinhos ouviram um cântico de anjos que saía de seu apartamento.

